

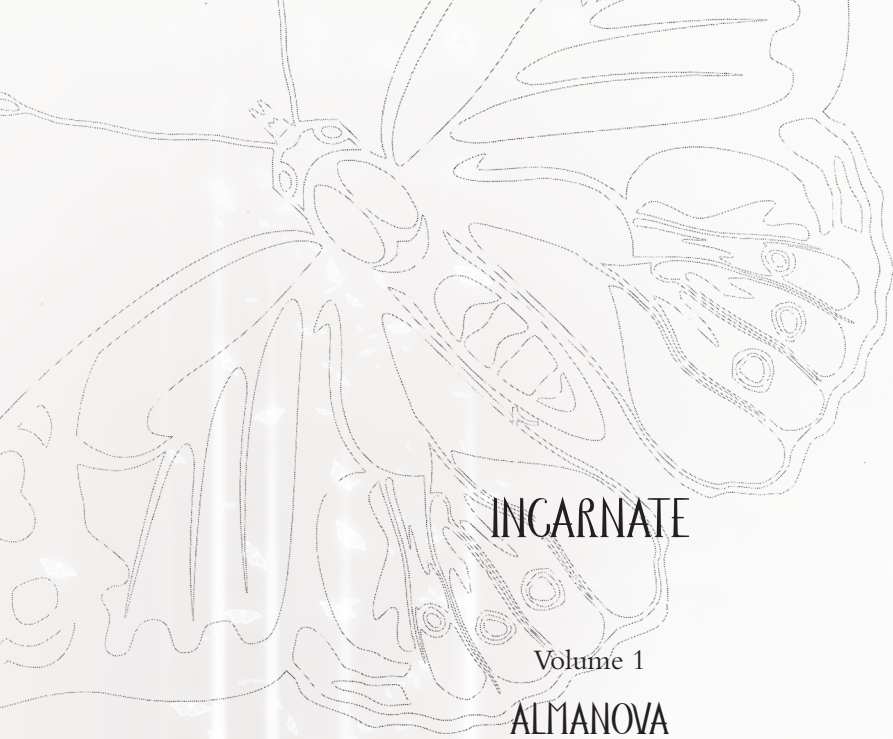


JODI MEADOWS

ALMANOVA

TRILOGIA INCARNATE VOLUME 1

valentina 



INCARNATE

Volume 1

ALMANOVA

Volume 2

ALMANEGRA

Volume 3

INFINITA



JODI MEADOWS

ALMANOVA

TRILOGIA INCARNATE VOLUME 1

Tradução
Ana Resende

valentina 

Rio de Janeiro, 2013

1ª Edição

Copyright © 2012 by Jodi Meadows

TÍTULO ORIGINAL

Incarnate

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Marcela Nogueira sob original de Joel Tippie

FOTO DE CAPA

Gustavo Marx/MergeLeft Repts, Inc.

FOTO DA AUTORA

Housden Photography

DIAGRAMAÇÃO

editoriarte

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2013

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

BIBLIOTECÁRIA: FERNANDA PINHEIRO DE S. LANDIN CRB-7: 6304

M482a

Meadows, Jodi

Almanova / Jodi Meadows; tradução de Ana Resende. – 1. ed. – Rio de Janeiro:Valentina, 2013.
288p. ; 23 cm (Incarnate; 1)

Tradução de: Incarnate

Continua com: Almanegra

ISBN 978-85-65859-17-2

1. Fantasia. 2. Reencarnação – Ficção. 3. Identidade (Conceito filosófico) – Ficção. I. Resende, Ana, 1973-. II. Título.

CDD: 813

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA

Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana

Rio de Janeiro – 22041-012

Tel/Fax: (21) 3208-8777

www.editoravalentina.com.br

*Para minha mãe,
que me incentivou a seguir meus sonhos
e que nunca surtou quando eu telefonava
perguntando como tratar de concussões, membros quebrados
ou queimaduras de segundo grau.*



ALMANOVA

Ano das Canções 330, Semana 3

O que é uma alma senão uma consciência que nasce e renasce?

Com o advento da nova tecnologia, sabemos que as almas podem ser medidas como uma série de vibrações, que são mapeadas nas máquinas dos Contadores de Almas. Cada sequência é única. Cada sequência é igual a que era em sua encarnação anterior, por mais distinto que o corpo possa ser. Eu renasci centenas de vezes, e me recordo de cada geração.

As almas também são sensíveis, uma essência nascida em um novo corpo, quando o antigo perece.

Havia um milhão de almas; agora, porém, somos um milhão menos uma. Há cinco anos, o templo escureceu na noite em que Ciana faleceu. Nessa noite, quando Li deu à

luz nossa filha, esperamos que ela reencarnasse. Em vez disso, as verdades sobre as quais fundamos nossa sociedade foram definitivamente postas em dúvida.

Os Contadores de Almas seguraram a mão da recém-nascida e pressionaram-na no escâner de almas, e a sequência de vibrações buscou sua equivalente na base de dados.

Entretanto, não havia equivalência, o que significava que essa alma não nascera antes. Então, de onde viera?

O que acontecera à alma de Ciana? Fora substituída?

Outras almas poderiam ser substituídas?

Essa nova alma era real?

Diário de Menehem



1 NEVE

EU NÃO RENASCI.

Aos cinco anos, percebi como isso me tornava diferente. Era o equinócio da primavera no Ano das Almas: a Noite das Almas, quando os outros contavam histórias sobre o que haviam feito nas três vidas passadas. Nas dez vidas passadas. Nas vinte vidas passadas. Batalhas contra dragões, a invenção da primeira pistola de laser e o empenho de Cris, durante quatro vidas, em criar uma perfeita rosa azul, que, no fim, todos afirmaram ser lilás.

Ninguém se importava em conversar comigo, por isso, eu não dizia uma única palavra. Nunca. Mas eu sabia ouvir. Todos viveram antes, tinham memórias para compartilhar, vidas para esperar. Dançavam ao redor das árvores e da fogueira, bebiam e gargalhavam até cair e, quando chegava a hora de cantar, agradecendo pela imortalidade, algumas poucas pessoas lançavam um olhar na minha direção, e a clareira ficava tão estranhamente quieta que dava para ouvir a queda-d'água batendo nas rochas cinco quilômetros ao sul.

Li me levou para casa e, no dia seguinte, juntei todas as palavras que conhecia para formar uma frase. Todos os outros se recordavam de uma centena de vidas antes desta. Eu precisava saber por que não conseguia me lembrar de nada.

— Quem sou eu? — Foram as primeiras palavras que falei.

— Ninguém — respondeu ela. — Uma sem-alma.



Eu estava indo embora.

Era meu décimo oitavo aniversário, umas poucas semanas depois do início do ano. Li disse: “Que você faça uma viagem tranquila, Ana”, mas sua expressão era impassível, e eu duvidava que realmente estivesse dizendo aquilo com sinceridade.

O Ano da Seca fora o pior da minha vida, cheio de raiva e ressentimento acumulados. O Ano da Fome não começara muito melhor, mas agora que era meu aniversário, eu tinha uma mochila cheia de comida e de suprimentos, e a missão de descobrir quem eu era, por que existia. Além disso, a chance de escapar dos olhares hostis de minha mãe era uma feliz consequência.

Olhei por cima do ombro para o Chalé da Rosa Lilás. Li estava parada à porta, alta e esguia, e a neve descia em espirais entre nós. “Adeus, Li.” Minha despedida misturou-se ao ar gélido, demorando-se enquanto me esticava e erguia a mochila. Era hora de deixar o chalé isolado e conhecer... todo mundo. A não ser por raros visitantes, eu não conhecia ninguém além da minha mãe e seu coração de víbora. Meu destino: a cidade de Heart.

A trilha do jardim se contorcia montanha abaixo, entre os pés de tomate e abóbora cobertos pela geada. Estremeci ainda mais em meu casaco de lã quando comecei a marcha para longe da mulher que costumava me deixar com fome dias seguidos, de castigo, por não executar as tarefas domésticas corretamente. Eu não reclamaria se esta fosse a última vez que a visse.

Minhas botas esmagavam cascalho e fragmentos de gelo que haviam caído das árvores enquanto a manhã espreitava entre as montanhas. Mantive as mãos fechadas nos bolsos, protegidas em luvas gastas, e trinqueei os dentes por causa do frio. O olhar de Li me seguiu montanha abaixo, tão afiado quanto o gelo que pendia do telhado. Não importava. Agora eu estava livre.

Ao sopé da montanha, girei na direção de Heart. Encontraria minhas respostas naquela cidade.

— Ana! — No degrau da frente, Li balançava um pequeno objeto de metal.
— Você se esqueceu da bússola.

Dei um suspiro e caminhei com dificuldade de volta à casa. Ela não ia trazê-la para mim, e não surpreendia que esperasse até eu ter descido todo o caminho para me lembrar. No dia em que menstruei pela primeira vez, saí correndo do

banheiro, gritando que estava saindo sangue de dentro de mim. Ela morreu de rir, até perceber que eu *tinha* realmente acreditado que estava morrendo. E isso a fez gargalhar ainda mais alto.

— Obrigada. — A bússola encheu minha mão e depois o bolso da frente.

— Heart fica a quatro dias para o norte. Seis, com esse tempo. Tente não se perder, pois não vou procurar por você. — E bateu a porta na minha cara, interrompendo o ar quente que emanava do aquecedor.

Sem que me visse, mostrei-lhe a língua; depois, toquei a rosa entalhada na porta de carvalho. Esse era o único lar que eu havia conhecido. Depois que nasci, Menehem, o amante de Li, partiu para além das fronteiras de Range. Sentira-se humilhado demais para ficar com uma filha sem-alma, e Li me culpava por... tudo. A única razão pela qual cuidara (mais ou menos) de mim era o fato de o Conselho tê-la obrigado a fazer isso.

Depois, ainda magoada com o desaparecimento do amante, ela me levava para o Chalé da Rosa Lilás, que Cris, o jardineiro, havia abandonado. Li dera esse nome ridículo já que ninguém achava que as rosas fossem azuis. Assim que cresci o suficiente, passei horas tentando fazer com que as rosas voltassem à vida para florescer durante todo o verão. Minhas mãos ainda tinham as cicatrizes de seus espinhos, mas eu sabia por que elas se defendiam com tanta fúria.

Mais uma vez, me afastei, caminhando com passos pesados morro abaixo. Em Heart, pediria ao Conselho para passar um tempo na grande biblioteca. Deveria haver uma razão para que, após cinco mil anos de reencarnação das mesmas almas, eu tivesse nascido.

A manhã passou, mas o frio não diminuiu. Montes de neve ladeavam a estrada com calçamento de pedras, e minhas botas achatavam a camada branca que se formara durante o dia. Algumas vezes, târnias e esquilos estalavam galhos congelados ou subiam por abetos, mas, na maior parte do tempo, reinava o silêncio. Mesmo o uapiti, que enfiava o focinho na neve, não emitia som algum. Era como se eu fosse a única pessoa em Range.

Eu devia ter ido embora antes do meu quindec, meu décimo quinto aniversário, que, para as pessoas normais, assinalava maturidade física. Pessoas *normais* deixavam os pais para comemorar o aniversário com amigos, mas eu não tinha

nenhum e pensava que precisava de mais tempo para aprender as habilidades que os outros já dominavam havia milhares de anos. Era bem feito para mim por acreditar cada vez que Li dizia que eu era uma burra.

Ela nunca teria essa oportunidade novamente. Quando a estrada do chalé se interrompeu, verifiquei a bússola e segui a bifurcação rumo ao norte.

Os bosques da montanha ao sul de Range eram conhecidos e seguros; ursos e outros mamíferos grandes nunca me incomodaram, mas eu também não os incomodava. Passei minha juventude coletando pedras e conchas brilhantes que abriram caminho até a superfície depois de muitos séculos. De acordo com os livros, havia milhares de anos, o lago Rangedge inundara até o extremo norte durante as estações chuvosas, portanto, sempre era possível procurar tesouros.

Não parei para comer, apenas dei algumas mordidas em maçãs desidratadas do porão enquanto caminhava, deixando um rastro de sementes para que alguma criatura de sorte o encontrasse. Com a barriga cheia, puxei a gola da camisa até o nariz, fazendo com que a respiração se espalhasse pelos meus lábios e bochechas. Com a garganta e o peito cheios de ar quente, cantarolei bobagens sobre a liberdade e a natureza. Minhas passadas mantinham o ritmo, e uma águia grasnava em unísono.

Eu nunca tivera estudo formal em música, mas havia roubado livros de teoria musical da biblioteca do chalé e, algumas vezes, gravações do músico mais famoso de Range: Dossam. Eu tinha memorizado as canções dele (algumas vezes, dela) para que pudesse conservá-las depois que Li descobrisse o roubo; tinha valido a pena apanhar por causa daquilo.

Aos poucos, a luz do sol que se misturava às nuvens mergulhou na direção do horizonte e delineou os picos nevados à minha direita. Curioso: como eu estava indo para o norte, o sol não deveria se pôr à minha esquerda?

Talvez a estrada serpenteasse ao redor de uma montanha, e eu não tivesse percebido. Os morros eram cheios de trilhas sinuosas que pareciam promissoras até se interromperem em um pequeno lago ou cânion. Ao traçar estradas em meio a lugares selvagens, os engenheiros procuraram evitar esses acidentes, mas ainda tinham de prestar atenção nas encostas íngremes e nas montanhas. Curvas fechadas e pouco profundas não seriam uma surpresa.

No entanto, quando pousei a mochila sobre as pedras e subi num álamo para ter uma visão melhor, não encontrei o local em que a estrada virava novamente. Até onde podia ver, em meio à escuridão do crepúsculo, a estrada formava uma trilha entre pinheiros e abetos, passando direto pelo lago Rangedge, que demarcava a fronteira sul de Range.

Li me enganara.

— Odeio você! — Joguei a bússola no chão e fechei os olhos bem apertados, sem nem mesmo saber com quem eu deveria estar zangada: com Li, que me dera uma bússola defeituosa, ou comigo, por acreditar que ela seria capaz de tamanha generosidade.

Eu perdera um dia inteiro de caminhada, mas, pelo menos, me dera conta disso antes de ir além de Range. A última coisa de que precisava era me deparar com um centauro (o que era possível mais ao sul) ou uma sílfide, que assombrava as fronteiras da cidade. Eles não costumavam entrar, graças a armadilhas que detectavam calor e que se encontravam por toda a floresta, mas, com frequência, eu sonhava com as criaturas na infância e nem sempre conseguia me convencer de que as sombras e o calor eram pesadelos.

Não importa. Li nunca saberia sobre aquela vitória, se eu não contasse.

Enquanto descia do álamo, escureceu completamente; apenas a tênue luz da lua passava entre as nuvens. Remexi as coisas dentro da mochila, até minha mão se fechar ao redor da lanterna; girei o objeto algumas vezes com força, e resolvi acampar próximo ao brilho esbranquiçado. Havia um riacho de águas agitadas perto da estrada, e coníferas largas protegiam uma clareira ampla o suficiente para o saco de dormir.

Limpei a neve e pus o saco de dormir no chão. Ele era grande o bastante para fechar sobre a minha cabeça e ainda sobrar espaço. Eu não tinha (nem precisava) de uma barraca. Levaria muito tempo até esquentar, pois Li não me dera um aquecedor. Nem eu esperava tal atitude dela. No entanto, quando rastejei para dentro do saco de dormir, eu me aqueci tão rápido quanto se estivesse no chalé.

Talvez, depois de saber de onde vinha e se havia ou não renascido, pudesse morar na floresta de Range para sempre. Eu não precisava de mais ninguém.

Quando a luz da lanterna diminuiu, murmurei a melodia da minha sonata preferida; um ruído surdo no meu ouvido. O saco estava abafado, mas era melhor que acordar com a boca cheia de neve. Minhas pálpebras ficaram pesadas.

“Shh.”

Abri os olhos e me retesei, apertando a lanterna, mas não estava preparada para ligá-la, muito menos para tirar aquele barulho da cabeça.

“Hushhh.”

Um gemido profundo veio do riacho. No entanto, nenhum galho estalou com passos e nenhum ramo gemeu. Tudo estava em silêncio, a não ser pela água que escorria das rochas. E pelos sussurros.

Os murmúrios continuaram; alguém mais havia decidido acampar aqui e, por alguma razão, não percebera o saco de dormir.

Ótimo. Eu ia sair. Não estava disposta a lidar com ninguém pouco depois de ter vivido com Li. Ela sempre dissera que as pessoas não iam gostar de mim por ser quem eu era, e eu não queria explicar a ninguém por que estava ali, bem na fronteira de Range. Com um território tão vasto, e a maior parte das pessoas enfurnadas em Heart, alguém tinha que vir parar justamente aqui?

O invasor não fez outro som enquanto eu metia os braços nas mangas do casaco e enfiava minhas coisas dentro da mochila. Tantos anos evitando a atenção de Li tinham sido úteis para alguma coisa, afinal. O ar gélido se insinuou enquanto eu abria o zíper do saco e saía, rastejando.

Ouvi alguém gemer. Agora eu realmente queria desaparecer dali.

Enrolei o saco de dormir, guardei tudo na mochila e me arrastei até a estrada sob a luz da lua refletida na neve. Havia clareza suficiente para que eu pudesse distinguir as árvores e a vegetação rasteira. Não havia sinal de visitantes. Devo ter dormido um pouco, porque o céu estava límpido e escuro, salpicado de estrelas como se fosse neve. O vento chacoalhava os galhos das árvores.

“Shh.” Os sussurros acompanharam minha retirada.

Meu coração disparou. Girei a lanterna para ligá-la e movi o feixe de luz na direção do murmúrio das águas nas pedras. Neve, terra e sombras. Nada de mais, exceto pelas vozes sem corpo.

Até onde eu sabia, somente uma criatura se movia sem tocar o chão. As sílfides.

Corri até a estrada, esmagando a neve sob as botas ao mesmo tempo que o ar gelado vibrava nos meus pulmões. Os gemidos transformaram-se em guinchos agudos e gargalhadas. Embora o calor na parte de trás do pescoço pudesse ter sido apenas a minha imaginação alimentada pelo terror, as sífides estavam se aproximando. Eu sobreviveria a uma queimadura de seu toque ardente, mas qualquer outra coisa me mataria.

Havia meios de capturá-las por tempo suficiente para mandá-las para bem longe da floresta, mas eu não tinha as ferramentas necessárias. Não havia meio de matar uma sombra.

Eu me abaixei. Os galhos batiam no meu rosto e prendiam no casaco. Consegui me soltar todas as vezes, indo ainda mais fundo na mata. Somente o sibilo indicava a proximidade daquelas criaturas.

O ar congelante ferroava meus olhos e a luz da lanterna já estava enfraquecida; era a lanterna reserva de Li e era velha. Meu peito ardia de frio e de medo, e uma câibra me atingia na lateral do corpo. As sífides se lamentavam como o vento soprando em uma tempestade, cada vez mais perto. Uma língua de fogo invisível desceu na minha bochecha exposta. Gritei e corri com mais força, até que a mochila ficou presa num emaranhado de pinheiros. Não adiantava puxar para me soltar.

As sífides derretiam a neve e formavam um círculo escuro de ruídos dissonantes e de vento. Gavinhas escuras espiralavam ao meu redor, e a queimadura na bochecha ardia.

Soltei os braços da mochila, corri entre as criaturas sombrias, e senti um sopro de calor no rosto como se eu tivesse entrado em um forno. Elas gritavam e vinham atrás de mim, mas eu podia me mover em espaços pequenos agora que estava livre. Árvores, troncos caídos. Eu me desviava e pulava, lutando para manter as ideias coerentes, concentrada em superar o obstáculo seguinte, apesar da neve e do frio, ou a morte terrível que me perseguia.

Talvez pudesse levá-las até uma das armadilhas de sífides. Mas não sabia onde elas estavam. Nem sabia onde *eu* estava.

A lanterna se apagou. Bati no fundo e girei até a luz fraca revelar a neve brilhante e as árvores.

As sílfides gemiam e lamentavam, aproximando-se, enquanto eu me desviava de um abeto coberto de neve. O calor aumentava na minha nuca. Pulei por cima de um tronco e escorreguei na beirada de um penhasco que dava para o lago. A neve deslizou debaixo das minhas botas quando me lancei de joelhos para evitar despencar. Minha lanterna não teve a mesma sorte. Caiu com estrépito das mãos cobertas pelas luvas e afundou no lago com um borrito. Três segundos. Uma longa queda.

O vento soprou com violência da água quando fiquei de pé. As sílfides fluíam pela floresta, eram sete ou oito; criaturas com o dobro da minha altura, feitas de fumaça e de sombras. Deslizavam para a frente, derretendo a neve e me cercando entre elas e um penhasco sobre o lago Rangedge.

Seus gritos estavam cheios de raiva e desespero, um fogo que ardia sem cessar.

Olhei por cima do ombro; o lago era uma faixa escura e não havia nada atrás de mim. Se havia rochas ou blocos de gelo, eu não conseguia vê-los. Me afogar era um fim melhor que queimar no fogo daqueles seres por semanas ou meses.

— Vocês não vão me pegar. — Girei e pulei do penhasco. A morte seria rápida e fria; eu não sentiria nada.